

3813/1

A. Sergio

DA ORIGEM

E

ESTABELECIMENTO DA INQUISIÇÃO

2

EM

PORTUGAL.

TENTATIVA HISTORICA

POR

A. HERCULANO.

TOMO I.

5.869.HER. Da/19

LISBOA

IMPRESA NACIONAL.

M DCCC LIV.

1854

BIBLIOTECA
ANTÓNIO
SÉRGIO

6320

PROLOGO.

A loucura de certos homens, que, confundindo as idéas de liberdade e progresso com as de licença e desenfreamento, e tomando por systema de reforma a dissolução social, encheram de terror a classe média, abriu caminho por toda a Europa a uma reacção deploravel; acontecimento grave, não pela sua violencia e exaggeração, e pelos seus caractéres materiaes, mas sim porque a essas manifestações externas se associa a reacção moral. É ahí que está o perigo. A tyrannia, restabelecendo-se por quasi todo o continente europeu, esmagando o governo representativo sob os pés dos seus batalhões d'infantaria e dos seus esquadrões de cavallaria, passando triumphante no meio das multidões,

assentada no velho e roto pavez do absolutismo, que se eleva sobre uma selva de bayonetas, seria um espectaculo repugnante, mas util para o progresso humano, como o tem sido quasi todos os phenomenos historicos, ainda os mais contrarios na apparencia a esse progresso; seria uma demonstração estrondosa, fecunda, e ao mesmo tempo passageira, de que os exercitos permanentes, nascidos com o absolutismo e só para elle, com elle deviam ter passado para o mundo das tradições. Moral e economicamente, os crimes que a reacção está practicando e o sangue que tem vertido viriam a ser bem moderado preço de um resultado immenso, a aniquilação dessa força bruta encarregada nominalmente de cumprir um dever, que é, que não póde deixar de ser commum a todos os cidadãos, a defesa da terra patria. Quanto mais a reacção abusasse da victoria, mais depressa lhe chegaria o dia do ultimo desengano, e os povos, amestrados por uma experiencia tremenda, cortariam enfim a ultima arteria, que ainda faz bater o coração da tyrannia desesperada e moribunda.

Mas a reacção moral, que vae acompanhando a reacção material, deve merecer mais serios cuidados aos amigos sinceros e prudentes da civilisação e da liberdade. Ao lado dos vivas da soldadesca embriagada, em volta dos quarteis e acampamentos, onde está hoje reconcentrada quasi toda a acção politica das sociedades, ou-

vem-se tambem os vivas de uma parte das populações. Estes applausos não partem de um grupo unico. Ha ahi o vulgo, que faz o que sempre fez; que saúda o vencedor, sem perguntar d'onde veio, nem para onde vae; que vocifera injurias juncto ao patibulo do que morre martyr por elle, ou victorêa a tyrannia quando passa cercada de pompas que o deslumbram. Ha ahi os velhos interesses mortalmente feridos, que, não podendo defender-se como legitimos, buscavam até agora sanctificar-se pela poesia do passado, indo esconder as rugas asquerosas na luz frouxa da abside da antiga cathedral, mas que hoje se proclamam em nome do direito com gritos de furor e de ameaça. Ha ahi a hypocrisia, que, depois de minar debaixo da terra durante annos, surge emfim á luz do sol, e balouçando o thuribulo, incensa todos os que abusam da força, declarando-os salvadores da religião, como se a religião precisasse de ser salva, ou coubesse no poder humano destrui-la. Tudo isso tumultua e brada; tudo isso tripudia á porta do pretorio, e traduz o sussurrar das orgias que vão lá dentro em annuncios de paz e de prosperidade. O vulgacho espera de cima a realisação dos seus odios, a satisfação á sua inveja; os velhos interesses pensam n'uma indemnisação impossivel; e os hypocritas querem aproveitar o ensejo de grangear as multidões para o fanatismo, e com semelhante intuito recorrem a um meio infallivel

em todos os tempos para se obter esse fim, o inculcarem-lhes de preferencia o que na superstição ha mais repugnante. — Os milagres absurdos renascem, multiplicam-se em frente dos recrutamentos; o convento e a *casa professa* já disputam ao quartel a geração nova. O cerci-lho e o bigode jogam o futuro sobre o tambor posto em cima da ara. O praguejar soldadesco cruza-se com a antiphona do breviario. A água benta, aspergida do hyssope episcopal, vae diluir no chão o sangue coalhado dos espingardeamentos, e o sacerdote crê ter affogado o clamor daquelle sangue que se embebe na terra, porque entoou hosannâhs sacrilegos ao triumphar dos algozes, no momento em que as victimas cahiam martyres da sua fé na civilisação e na liberdade.

Isto é grave, porque é atroz; mas ainda ha ahi cousa mais grave. É que entre os grupos que victoream em quasi toda a Europa as saturnaes da reacção, ha um mais forte, mais activo, e sobretudo mais efficaz, porque se acha senhor, em muitas partes, do poder publico, e serve-se desse poder, e dos soldados, e magistrados e agentes publicos que lhe obedecem, para annullar n'um dia as garantias conquistadas pelas nações em meio seculo de luctas terriveis. É o grupo dos Cains; daquelles a quem mais tarde ou mais cedo Deus e os homens hão-de infallivelmente perguntar: — «Que fizestes de vossos irmãos?» — É o grupo daquelles que de-

veram quanto são e quanto valem ao triumpho obtido pela idéa da emancipação dos povos; que sem as lides dos comícios, dos parlamentos, da imprensa, sem o chamamento de todas as intelligencias á arena dos partidos; calcados por um funcionalismo despotico, por uma nobreza orgulhosa, por um clero opulento e corrompido, teriam fechado o horisonte das suas ambições em serem mordomos ou causidicos de algum degenerado e rachytico descendente de Bayard ou do Cid, ou em vestirem a opa de meninos do coro de algum pecunioso cabido. Estes taes, que trocaram o aposento caiado pela sala esplendida; o nome peão de seus paes pelos titulos nobiliarios; o sapato tauxiado e o trajo modesto do vulgo pelos lemistes e setins cortesãos, cubertos de velorios e lentejoulas, das condecorações com que o poder costuma marcar os seus rebanhos de consciencias vendidas; estes taes, recostados nos sophás, para onde se atiraram de cima do tamborete de couro ou da cadeira de pinho, sentem esvair-se-lhes a cabeça com os tumultos eleitoraes, com as luctas da imprensa, com as discussões tempestuosas, e não raro estereis, das assembléas politicas. Demasiado repletos, perderam nos vapores dos banquetes a lucidez da intelligencia; demasiado mimosos perderam, reclinados nos coxins das suas carruagens, a energia laboriosa da classe de que saíram. As dolorosas e longas experiencias da liberdade afiguram-se-lhes agora como um des-

vario do genero-humano, e as tentativas das nações para se constituirem menos imperfeitamente como uma serie de erros deploraveis. Crêem indubitavel o facto do progresso nas sciencias, nas artes, na industria, apesar de mil experiencias falhas, de mil theorias que surgem para morrerem, de mil esforços perdidos; isto é, vêem a lei do desenvolvimento social limitada em tudo pela imperfeição terrena, e não hesitam, por esta parte, ácerca do futuro das sociedades. Fingem, porém, acreditar que essa lei do desenvolvimento constante, applicavel a todas as cousas humanas, não o é á sciencia social. Nesta, o progresso consiste em retroceder. A voz da consciencia, que nos fala da dignidade e da liberdade do homem, é uma illusão do nosso espirito. Embora o christianismo gastasse cinco seculos em constituir as sociedades modernas, estas deviam ter completado e aperfeiçoado uma revolução fundamental no seu organismo dentro de cincoenta annos. Não o fizeram; logo o voltar ao passado, ao absolutismo cachetico e impotente, significaria o progresso politico. Os arrependidos crêem ver surgir entre o norte e o oriente o phantasma de Attila: por isso ajoelham, e tentam, renegando as idéas que propugnaram, salvar as suas caruagens, mitras, bastões, veneras, rendas e dignidades.

Este é o grupo dos grandes miseraveis. Ao pé d'elle, ás vezes confundindo-se, compenetran-

do-se ambos, falando a mesma linguagem, está o da burguesia tímida, cujos nervos são debeis de mais para resistirem aos frequentes abalos das commoções politicas. Esses tem desculpa, embora raciocinem mal, como sempre raciocina o temor. A sua vida de artifices, de commerciantes, de industriaes, de proprietarios, de agricultores repugna ás violentas tempestades politicas, aos movimentos populares desordenados. A transformação social lenta e pacifica, resultado de doutrinas que chegam a triumphar pelo meio da longa discussão, admittem-na, amam-na. Nisso têm razão. Mas a idéa dos terremotos politicos horrorisa-os tanto como a dos physicos. Tambem nisso têm razão. Foi contra esta classe que os agitadores da plebe a concitaram, declarando guerra, não só aos abusos da propriedade na mais ampla significação da palavra, mas tambem á propriedade incontestavelmente legitima. Atterrada, a burguesia começou a ver na liberdade a espoliação, e congraçou-se em boa parte com o absolutismo, esquecendo-se de que elle representava igualmente as espoliações, as violencias e as tyrannias de seculos, e de que todas as affrontas e danos que elle tem de vingar foram recebidos da mão da classe média. O raciocinio do medo tem peccadô em ir ao extremo. Recuando intencionalmente até epochas julgadas e condemnadas, os membros da burguesia, que não tem cordura nem animo para affrontar as aberrações do progresso (aber-

1848

rações que nunca faltam nas conjuncturas das grandes transformações) mentem aos destinos da sua classe, maldizem a sancta obra da civilisação, as tradições de seus paes, os fins do christianismo, e os proprios actos da sua vida publica anterior. Esquecem-se de que, se fosse possivel voltar atrás para nos curvarmos á tyrannia, voltariamos igualmente atrás para depois reagir contra ella, e repetir experiencias inuteis. O remedio contra as idéas exaggeradas de cabeças ardentes ou livianas, contra os designios dos hypocritas da liberdade, não está em reacções moralmente impossiveis. O incendio que ameaçou por alguns mezes devorar a Europa e que arde ainda debaixo das cinzas, não se apaga nem com sangue, nem collocando-lhe em cima o cadaver corrupto do absolutismo. Para o extinguir necessita-se das resistencias organisadas e energicas, das ideas sans e exequiveis; necessita-se de que a classe média não esqueça ou despreze tantas vezes os seus deveres; isto é, que se lembre de que a sua vida é dupla, publica e privada, de cidadãos e de homens; que, assim como o mau chefe de familia é um individuo deshonorado, o que despreza as funcções publicas que lhe cumpre exercer para a manutenção da liberdade, igualmente se deshonra. Não consentindo que cabeças vans ou corações fementidos façam das nações materia bruta das suas experiencias politicas ou preza das suas ambições desregradas, não ca-

recerão de ir aspirar a vida no cemiterio dos seculos; não terão de se assemelhar ao enfermo, que, despresando, para saciar todos os appetites, os conselhos severos da medicina, quando enfim verga debaixo do peso de seus males, declara a sciencia impotente, e vae buscar nas receitas dos charlatães e curandeiros o remedio que elles não podem dar-lhe.

Felizmente, no meio das loucuras do terror, muitas almas fortes, muitas cabeças intelligentes tem sabido conservar frio o animo para não abdicarem o senso commum. Nação pequena, e que a Europa desconsidera ainda, pela idéa que faz della, á vista de um passado não mui remoto, temos nesta parte dado mais de um exemplo de alta sabedoria a algumas das maiores nações. A historia contemporanea ha-de prova-lo. Creia-nos o paiz, a nós, que não estamos costumados a lisongear-lhe vaidades pueris ou preocupações insensatas, e que impassivelmente lhe havemos dicto sempre o que reputamos ser verdade. No meio das nossas misérias moraes, e não são ellas nem pequenas nem poucas, a minoria liberal que tem trahido as suas doutrinas é por mais de um modo insignificante. Seja qual fôr a situação hierarchica desses individuos, nem o seu prestigio, nem os seus talentos os tornam demasiado perigosos. Entre os homens sinceros o temor é moderado, porque o perigo do terremoto eminente não produziu, em Portugal, grande abalo nos animos. Os poucos

que, neste paiz, fingem temer, os menos que fingem saudar a tempestade representam geralmente, em nossa opinião, apenas ridiculas farças.

Entretanto a civilisação tornando cada vez mais intimo o tracto das nações entre si, faz necessariamente actuar as idéas de umas sobre as outras, e o homem é ordinariamente mais propenso a contentar-se das idéas alheias, do que a reflectir e a raciocinar. Em certa esphera, e até certo ponto, a reacção geral tem representantes entre nós. Cumprê combata-la, não para convencer aquelles que sempre amaram o passado, e nunca negociaram com as suas crenças, porque esses respeitamo-los; mas para fortificar na fé liberal os tibios do proprio campo, e premuni-los contra as ciladas dos transfugas. Este intuito não é só nosso; é de todos os homens leaes, de todos os amigos sinceros de uma justa liberdade.

Levados pelas nossas propensões litterarias para os estudos historicos, era sobretudo por esse lado que podiamos ser uteis a uma causa, a que estamos ligados, rememorando um dos factos e uma das epochas mais celebres da historia patria; facto e epocha em que a tyrannia, o fanatismo, a hypocrisia e a corrupção nos apparecem na sua natural hediondez. Quando todos os dias nos lançam em rosto os desvarios das modernas revoluções, os excessos do povo irritado, os crimes de alguns fanaticos, e, se quizerem, de alguns hypocritas das novas idéas, seja-

nos licito chamar a juizo o passado, para vermos tambem aonde nos podem levar outra vez as tendencias de reacção, e se as opiniões ultramontanas e hyper-monarchicas nos dão garantias de ordem, de paz e de ventura, ainda abnegando dos foros de homens livres e das doutrinas de tolerancia, que o Evangelho nos aconselha, e que Deus gravou em nossa alma.

Podiamos escrever a historia da Inquisição, desse drama de flagícios, que se protrahe por mais de dois seculos. Os archivados do terrivel tribunal ahi existem quasi intactos. Perto de quarenta mil processos restam ainda para darem testemunho de scenas medonhas, de atrocidades sem exemplo, de longas agonias. Não quizemos. Era mais monotono e menos instructivo. Os vinte annos de lucta entre D. João III e os seus subditos de raça hebreá, elle para estabelecer definitivamente a Inquisição, elles para lhe obstarem, offerecem materia mais ampla a graves cogitações. Conheceremos a côrte de um rei absoluto na epocha em que a monarchia pura estava em todo o seu vigor e brilho; conheceremos a côrte de Roma na conjunctura em que, confessando os seus anteriores desvios, ella dizia ter entrado na senda da propria reformação, e poderemos comparar isso tudo com os tempos modernos de liberdade. Os documentos de que nos servimos são na maior parte redigidos pelos mesmos que intervieram naquelles variados enredos, e existem em grande numero

nos proprios originaes. A Providencia salvou-os para vingadores de muitos crimes, e, porventura, nós, pensando que practicamos um acto espontaneo, não somos senão um instrumento da justiça divina.

Aos que, ouvindo e lendo as declamações contra as tendencias legitimas da moderna civilização, vacillarem nas crenças da liberdade politica e da tolerancia religiosa, pedimos que, depois de lerem tambem este livro, procurem na sua consciencia a solução de um problema pelo qual concluiremos, e que encerra o resultado final, a applicação practica do presente trabalho historico. A resposta que ella lhes dêr servir-lhes-ha de guia no meio das incertezas, e de conforto no meio do desalento, em que a escola da reacção procura affogar os mais nobres e puros instinctos do coração humano.

Eis o problema: Se no principio do seculo XVI, quando ainda, segundo geralmente se crê, as opiniões religiosas eram sinceras e ferventes, e o absolutismo estava, na apparencia, em todo o seu vigor de mocidade, acharmos por documentos irrefragaveis que os individuos collocados na eminencia da hierarchia ecclesiastica não eram, em grande parte, senão hypocritas, que faziam da religião instrumento para satisfazer paixões ignobes; que o fanatismo era mais raro do que se cuida; que debaixo da monarchia pura a sociedade, moral e economicamente gangrenada, caminhava para a dissolução, e que nos actos

do poder faltavam a cada passo a lealdade, o sã-juízo, a justiça, e a probidade, o que deveremos crer dos innumerados apóstolos da reacção theocratica e ultramonarchica, que surgem de repente nesta nossa epocha, depois de cento e cincoenta annos de discussão religiosa e politica, em que as antigas doutrinas foram habilmente combatidas, os principios recebidos postos em duvida, e até mais de uma verdade offuscada por sophismas subtis? Que deveremos supôr destes enthusiasmos exaggerados pelas idéas disciplinares de Gregorio vii, e pelo systema politico de Luiz xi ou de Philippe ii, n'uma epocha em que, por confissão unanime dos proprios apóstolos do passado, dredomina no geral dos espiritos cultivados o demonio do scepticismo?

Que o leitor busque a resposta a estas perguntas na voz intima do seu coração, e depois decida entre a reacção e a liberdade.

Dezembro de 1852.
